Esquetes Teatrais: Uma Nova Abordagem Para as Questões Intergeracionais

Neusa Eiras[1], Jorge Ayres[2]

Resumo

O presente trabalho trata da realização do *I Festival Intergeracional de Esquetes Teatrais* da UERJ, promovido pelo INTERGERA (Programa de Estudos, Eventos e Pesquisas Intergeracionais) com o objetivo de provocar, na comunidade interna da Universidade (alunos, servidores e professores), a discussão sobre as questões que envolvem o relacionamento entre as várias gerações, bem como alertar para a necessidade de nos prepararmos para o nosso próprio envelhecimento. São apresentados resumos dos esquetes concorrentes e uma análise das principais questões discutidas em cada um.

Palavras-chave: Intergeracional, velhice, esquete teatral.

Introdução

Discutir as questões que envolvem o envelhecimento do indivíduo e daqueles que o cercam não é tarefa simples. A grande maioria da população, embora já esteja se familiarizando com o envelhecimento do outro, ainda resiste em admitir a sua própria velhice e a necessidade de aprender a conviver tanto com gerações mais velhas como com gerações mais novas.

Na busca por uma linguagem que pudesse trazer tais temas à discussão, vislumbramos a possibilidade de mobilizar a sociedade para a refle-

1 Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da UERJ. E-mail: neusaeiras@yahoo.com.br,
2 Bolsista PROATEC

xão sobre temas tão penosos através da linguagem dinâmica do teatro. O teatro desempenha importante função social, pois:

> O palco, ou seja qual for o espaço de representação, estabelece, em nível de razão e emoção, uma reflexão e um diálogo vivo e revelador com a platéia, ou seja qual for o espaço dos espectadores. Incapaz de agir diretamente no processo de transformação social age diretamente sobre os homens, que são os verdadeiros agentes da construção da vida social. (Peixoto, 1986, p. 12-13)

Nossa preocupação com as questões intergeracionais se justifica pelo aumento da população idosa causado pela diminuição das taxas de natalidade, de mortalidade e pelos avanços tecnológicos. Estes fatores vêm provocando, em nosso país, "uma preocupação por parte dos educadores, dos políticos e dos planejadores de saúde que, até cinco ou seis décadas atrás, existia apenas nos países desenvolvidos" (Soares, 1997, p. 12), pois o envelhecimento populacional não exige somente que as gerações mais jovens se preparem para o seu próprio envelhecimento; ela exige, também, que a sociedade se prepare para o convívio cada vez mais prolongado entre as gerações.

Para promover o debate científico sobre esta questão, foi criado na UERJ o Programa de Estudos, Eventos e Pesquisas Intergeracionais-INTERGERA. Através de pesquisas, palestras, eventos, orientação de monografias, mostras de vídeo, formação de grupos de reminiscências, projetos e cursos de extensão, contação de histórias e disciplinas eletivas na graduação a na pós-graduação, este Programa visa discutir as principais questões intergeracionais, o processo de envelhecimento e a velhice.

O INTERGERA trabalha com a comunidade interna da UERJ, incluindo-se aí alunos, servidores e professores dos vários campi, englobando desde as crianças do Instituto de Aplicação até os idosos que participam dos vários programas para a terceira idade, além dos aposentados (professores e servidores).

Objetivo

Considerando que os preconceitos que envolvem o processo de envelhecimento e a velhice fazem com que as pessoas se afastem do tema – os mais jovens por o considerarem muito longe deles, e os adultos maduros por sentirem a sua proximidade ameaçadora –, nosso objetivo foi promover um evento cultural que superasse esta barreira e despertasse, na comunidade interna da UERJ, o interesse pelo debate das questões que envolvem o relacionamento entre as gerações, o processo de envelhecimento, a velhice e a morte, estágio final da evolução do ser humano.

A escolha recaiu na realização de um Festival Intergeracional de Esquetes Teatrais que envolveu não só a comunidade alvo do INTERGERA, mas também os ex-alunos da UERJ, face ao interesse demonstrado por este grupo.

Metodologia

Dentre as várias formas de teatro, optamos pela linguagem dos esquetes, tão bem explorada por Arthur Azevedo, por sua viabilidade em termos de montagem e pelo tempo de duração, entre dez e vinte minutos, o que permitiu a apresentação de vários grupos e a abordagem de temas variados envolvendo o convívio e os conflitos entre as gerações.

> O esquete é uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga aos saltos e insistindo nos momentos engraçados e subversivos. O esquete é, sobretudo, o número de atores do teatro ligeiro que interpretam uma personagem ou uma cena com base em um texto humorístico e satírico, no "music hall", no cabaré, na televisão ou no "café-teatro". Seu princípio motor é a sátira, às vezes literária (paródia de um texto conhecido ou de uma pessoa famosa), às vezes grotesca e burlesca (no cinema e na televisão), da vida contemporânea. (Pavis, 1999, p. 143)

Elaboramos um "Regulamento de Participação" que foi divulgado na home-page da UERJ; distribuímos filipetas, cartazes e folders com as principais informações sobre o evento. Dentre as regras estabelecidas, o tema e a participação de pelo menos três gerações em cada esquete, sendo que a terceira idade deveria estar obrigatoriamente presente, foram os pontos inéditos em termos de festivais de teatro. Outra regra que diferenciou este de outros festivais foi aquela que

exigiu que pelo menos um dos membros dos grupos inscritos tivesse vínculo com a UERJ na condição de aluno, ex-aluno, servidor docente ou técnico administrativo. Desse modo, três dos esquetes selecionados foram de autoria de alunos, um de ex-aluno e os outros três eram de grupos teatrais da comunidade externa, dos quais faziam parte alunos da UERJ. Foram convidados cinco profissionais de Teatro que atuaram como jurados e indicaram o vencedor da melhor montagem e os prêmios de melhor ator, melhor atriz, melhor ator e atriz coadjuvantes, melhor diretor, cenografia e figurino. Estabelecemos nos dois dias de apresentação um período de quarenta minutos para a divulgação do Programa INTERGERA e debate sobre os temas.

Resultados e Conclusões

Inscreveram-se doze esquetes dos quais sete foram selecionados para a apresentação final. Dois desses esquetes abordaram a questão dos preconceitos que envolvem as relações amorosas entre pessoas de gerações diferentes. O esquete intitulado "*O Bê a Bá de Ser Mulher*", de Mariângela Cantu, mostra a dificuldade de duas filhas, uma adolescente e outra adulta, já com filhos, em aceitar que sua mãe, já em fase final do climatério, se envolva emocionalmente com um rapaz de vinte anos. Em "*Conceitos*", de Otávio Castellani, o tema se repete só que, neste caso, é um filho já adulto que se depara com seu pai e sua mãe, separados e já idosos, se relacionando com adolescentes, o que é veementemente censurado pelo filho. Ambos os esquetes usaram a comédia como forma de abordar o tema e apresentaram a questão envolvendo faixas etárias extremas. Isso deixa clara a dificuldade das gerações mais novas em lidar com o tema de forma séria, principalmente quando a diferença de idade existe, mas não é tão grande.

A sexualidade humana é tema controvertido e alvo de severos preconceitos por parte da sociedade, seja no que tange à sexualidade infantil, de jovens, de mulheres e, principalmente, de idosos.

Na Grécia antiga, segundo Risman (1996), os casamentos eram arranjados segundo os interesses das famílias, não existindo casamento por amor. As uniões tinham como meta a legitimação dos filhos, a formação e preservação do patrimônio familiar, e uma segurança para a velhice. As idades para o início e o fim das relações sexuais eram determinadas pela sociedade e o ato sexual era primordialmente direcionado para a procriação. Desse modo, os idosos estariam proibidos de executá-lo, uma vez que sua atividade reprodutiva era inexistente.

Encontramos em Soares (1997) que, no final do império Romano, com o advento do Cristianismo, as relações entre homens e mulheres foi profundamente afetada e as relações sexuais passaram a ser francamente estigmatizadas, uma vez que o prazer físico simbolizava um mal para o espírito. Nessa dicotomia corpo e alma, o amor e o sexo eram vistos como pertencentes a pólos opostos: o primeiro pertencente a Deus e o segundo, ao demônio. Nessa perspectiva, o casamento era uma união consentida e abençoada por Deus, que conferia indulgência ao ato sexual, desde que houvesse a intenção da procriação e não do puro prazer. Novamente constatamos a interdição sexual aos indivíduos idosos que, por sua condição fisiológica, estavam, ou eram considerados, impedidos de procriar.

No início da Idade Média, persistia a repressão sexual generalizada e, segundo Covey (1989, p. 93), a Igreja estipulou que "a maioria das relações sexuais eram desviantes e as consideravam como pecados contra a natureza", destacando-se novamente as relações sexuais entre idosos como condenadas por já não haver mais fertilidade.

Vemos que, durante toda a evolução da humanidade, a sexualidade humana, em geral, foi tratada de modo inadequado. Ao invés de ser vista como possibilidade de trocas afetivas, de realização amorosa e de prazer, foi rotulada como um impulso que deveria ser canalizado com vistas à reprodução, ou simplesmente reprimido. Desse modo, podemos entender o porquê da sociedade ainda tratar a sexualidade com tantos preconceitos e tabus.

As expectativas da sociedade determinam as atitudes e os sentimentos das pessoas e, no caso da sexualidade dos idosos, isso não poderia ser diferente. O século XX, que já absorveu o impacto das revelações feitas por Freud (1976) sobre a sexualidade infantil, precisa agora refletir e admitir a existência da sexualidade dos idosos,

uma vez que esta parcela da população está cada vez maior e vivendo mais. Não é justo que as pessoas se vejam privadas deste prazer durante quase a metade de suas vidas.

Vasconcelos (1994, p.119) enfatiza que o sexo pode continuar a ser interessante e estimulante após os sessenta anos, pois "afeto, calor e sensualidade não precisam se deteriorar com a idade". É necessário que tais questões sejam discutidas para evitar que o jovem de hoje, ao chegar à velhice, continue agindo de forma a confirmar os estereótipos reforçados por toda uma vida.

"*Acontecendo na Era de Aquarius*", de Sílvio Fróes, foi um musical que buscou discutir questões ecológicas com a participação das quatro gerações. Apresentou uma integração entre as várias idades valorizando o papel do indivíduo idoso no combate aos problemas da humanidade, demonstrando sua preocupação com as gerações mais jovens e as futuras gerações.

O tema do abandono foi abordado em "A *Cigana e a Crente*", de Pedro Murad, e fala de uma menina que foi abandonada pela mãe quando ainda era criança. Agora, adulta, vem com sua própria filha ao encontro de seu passado na tenda de uma cigana que, na realidade, é sua própria mãe, já idosa. Ao longo da "consulta" ,os segredos se desvendam e as mágoas se dissipam após duras colocações onde pudemos acompanhar o ponto de vista de cada uma e a dor que este distanciamento entre mãe e filha provocou nas duas ao longo dos anos.

O esquete "Solidão", de Shirley Cavalcante, fala de um pai viúvo, idoso e doente que se sente abandonado pela mulher, que já morreu, pela filha e pela neta que não lhe dão a atenção e o carinho que ele solicita. Ao longo da cena, a impaciência e o desinteresse das duas em compartilhar momentos com o pai/avô são evidentes e caracterizam o que chamamos de "solidão acompanhada". Os lamentos do idoso se dão quase totalmente através de monólogos, nos quais enfatiza a solidão em que vive agora e a saudade da falecida esposa. Tais lamentos só cessam com a sua morte, que provoca o desespero e o arrependimento da filha e da neta. Foi o esquete que mais emocionou a platéia, levando-a às lágrimas. O público percebeu, neste roteiro, a morte como uma libertação e a única possibilidade de retorno a uma situação de felicidade, uma vez que na cena, utilizando recursos de fumaça, a esposa morta vem "buscar" o idoso que sai "caminhando", embora, em vida, estivesse preso a uma cadeira de rodas.

A solidão, nas fases iniciais da vida, não é sentida como sintoma de declínio de status social ou de abandono e desamor; é na velhice que ela é assim percebida e se torna mais difícil de ser suportada, face às dependências de natureza orgânica e emocional que deixam de ser atendidas.

O fato de o ser humano ser um animal social faz com que a solidão traga consigo um significado de estar separado dos outros, de uma não-totalidade, de inadequação. Esse sentimento, próximo a um vazio, surge de tempos em tempos, ao longo da vida e, muitas vezes, não tem suas causas identificadas pelo indivíduo.

Este estado, que Klein (1971, p.133) chama de "solidão interna", é experimentado por todas as pessoas em distintos níveis de intensidade e freqüência, e tem como principais características a sensação de não pertencer a ninguém ou a nenhum grupo; o sofrimento causado pelas repetidas experiências de perdas e reaquisições; um superego exigente e rígido que afasta os relacionamentos; e um excessivo ressentimento diante de frustrações. Lehr (1980, p. 275), destaca que "o conceito de isolamento se refere ao campo objetivo dos contatos sociais, enquanto que o de solidão se refere às vivências subjetivas da estrutura das relações sociais".

Muitos são os fatores sociais, ambientais, de saúde e de personalidade que influem na maneira de o indivíduo encarar o envelhecimento e a aproximação da morte, mas, de modo geral, em nossa sociedade, a consciência da finitude traz consigo um certo sentimento de frustração. Segundo Torres (1996, p. 65), "a visão que o homem tem da morte é inequivocamente investida e trabalhada pelas experiências da cultura e da sociedade" e, entre nós, velhice e morte são vivenciadas como uma espécie de fracasso, como lembranças incômodas que pertencem àquela categoria que o filósofo Sartre chama de "irrealizáveis", isto é, incluem experiências que não podemos antecipar e nem imaginar em nós mesmos.

Também Freud já havia chamado a atenção para o caráter inimaginável da nossa própria morte. Segundo este autor, em nosso inconsciente habita a certeza de nossa imortalidade e, quando

somos forçados a encarar tal realidade, nossas defesas nos colocam na condição de espectadores de nossa própria morte, o que consiste em continuar negando-a. Esse caráter único e intransferível da morte é que torna difícil a aceitação, tanto do misterioso ato de morrer, como da morte em si. Py (1994, p. 271) coloca: "nada sabemos da morte; procuramos incessantemente saber da vida".

"*O Homem Misterioso*", de Rosa Macedo, foi o esquete que recebeu "Menção Honrosa" por ter sido escrito, montado e interpretado por idosos com mais de sessenta anos. Não pôde concorrer aos prêmios, uma vez que não atendeu à norma do regulamento que determina a participação de atores de várias gerações. A autora abordou a questão do ciclo vital, utilizando-se de uma narradora para, num processo de reminiscências, falar de nascimento e morte, interpretados no palco.

As reminiscências também foram o tema do esquete vencedor "*Acabou o Xampu*", de Cynthia Pacheco, que mostra uma idosa conversando com um desconhecido adulto em um banco de praça. Ambos entabulam uma conversa onde encontram pontos comuns de repressão e autoritarismo de seus pais, chamando a atenção para o conflito entre as gerações. Ao fundo da cena, uma jovem interpreta a mulher idosa em sua juventude. Falam de suas escolhas amorosas, profissionais, enfim, de todo o processo de crescimento em direção à idade adulta. Relembram também as dificuldades para crescerem, adquirirem identidade própria, o sofrimento causado pela morte do pai e a sensação de ter envelhecido sem a certeza de ter feito as melhores escolhas, mas consciente de que não podia mais voltar no tempo para refazê-las.

A prática das reminiscências já é exercida em vários países da Europa e nos Estados Unidos, mas no Brasil ainda está pouco difundida. Consiste num processo de trazer para o presente os fatos que fizeram parte da história de vida das pessoas, buscando reconstruir essas histórias através de narrativas, de fotos e de objetos, procurando estabelecer relações entre o passado e o presente.

Através desse processo, podemos facilitar a transmissão da herança cultural de forma direta e dinâmica, elevação da auto-estima do idoso pela ampliação da oportunidade de contato e reconhecimento social e, em condições controladas por profissional habilitado, promover alívio de ansiedade, culpa, vergonha, ressentimentos e de outros sentimentos negativos acumulados que podem estar relacionados a perdas de oportunidades na vida, perda de papéis e status sociais e outras causas, cumprindo assim uma função terapêutica.

A repercussão deste evento foi muito boa dentro e fora da Universidade e, como desdobramentos, apresentaremos a peça "*Solidão*" para debate com as crianças e os jovens no Instituto de Aplicação da UERJ e lançaremos o II Festival Intergeracional de Esquetes Teatrais da UERJ para 2003, além de um Festival Intergeracional de Contos e Poesias. Acreditamos que projetos intergeracionais envolvendo atividades artísticas e culturais se constituem numa forma agradável de abordar tais temas, tornando-se, assim, um dos espaços mais adequados para o estabelecimento de troca entre as gerações, para a reflexão dos aspectos positivos da longevidade, para desenvolver nas crianças imagens de identificação e afastar dos jovens o medo da velhice.

Referências Bibliográficas

COVEY, Herbert C. Perceptions and Attitudes toward Sexuality of the Elderly during the Midle ages. *The Gerontologist*, Nova Iorque, v. 1, n. 29, p. 93-100, 1989.

FREUD, Sigmund. *Os Três Ensaios sobre Sexualidade*, Obras Completas. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KLEIN, Melanie. *O Sentimento de Solidão*. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

LEHR, Úrsula. *Psicologia de la Senectud*. Barcelona: Herder, 1980.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Tradução: GUINSBURG, J.; PEREIRA, Maria Lúcia. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEIXOTO, Fernando. *O que é o Teatro*? São Paulo: Brasiliense,1986.

PY, Lígia. Nos Arredores da Morte. In: KASSIADOU, A. M. (Org.). *Caminhos do Envelhecer* . Rio de Janeiro: Revinter, 1994, p. 207.

RISMAN, Arnaldo. *A Carruagem da Saudade: seremos todos passageiros?* O Percurso da Sexualidade na Terceira Idade. 154 p. Dissertação (Mestrado em Sexologia). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro: 1996.

SOARES, N. Eiras. *A Velhice e suas Representações Sociais em Instituições Públicas de Saúde*. 142 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

TORRES, Wilma da C. A Consciência da Finitude e a Possibilidade da Morte. *Arq. de Geriatria. e Gerontologia*, Rio de Janeiro: v.1, p. 165-6, 1996.

VASCONCELOS, Maria de Fátima de O. Sexualidade na Terceira Idade. In: MENEZES, A. K. (org) *Caminhos do Envelhecer*. Rio de Janeiro: SBGG/ Revinter, 1994, p. 85.

Abstract:

The present work is concerned with the realization of the I *Intergenerational Festival of Theatrical Sketches*, in UERJ, promoted by INTERGERA (Program of Studies, Events and Intergenerational Researches). It s purpose is to provoke, in the University community (students, employees and professors), a debate about the issues that involve the dialogue between different generations, as well as to warn about the need for us to get prepared for our own aging process. Summaries of the contestants sketches will be shown, along with an anaylis of the major issues discussed in each one of them.

Keyword: Intergenerational, old age, theatrical sketch.

Data de entrega: 30/04/2003.
Data de aprovação: 16/06/2003.